



Exclusivo

EXPRESSO 50 ANOS

“Quando comprámos a Bordallo Pinheiro os comerciais tinham vergonha das peças porque achavam que as pessoas não queriam aquilo”



NUNO BOTELHO

Em 13 anos, a marca centenária de faianças das Caldas da Rainha, afirmou-se no mundo e reverteu o destino de falência a que parecia condenada. Com um volume de negócios nos 12 milhões de euros, a capacidade de crescimento está dependente da mão-de-obra especializada.



07 JUNHO 2023 20:17



Marina Almeida
Jornalista



Nuno Botelho
Fotojornalista

Parece um formigueiro. Mas aqui não há formigas. Há lagostas, bananas, sardinhas, beringelas, Zés Povinhos e velhas alcoviteiras. E abelhas gigantes e couves. E andorinhas. O universo profícuo de Rafael Bordalo Pinheiro fervilha na fábrica de faianças, instalada na Rua dos Cerâmicos Caldenses, na zona industrial das Caldas da Rainha. São 330 trabalhadores a dar forma ao imaginário naturalista bordaliano. Apesar de estarmos numa fábrica, há uma grande parcela de trabalho manual em todo o processo. Por exemplo, na secção de ornamentação, onde as lagostas parecem estar a ganhar vida, a cada pata que lhe colocam, uma a uma, até ser um crustáceo de cerâmica credível.

Aqui chegam à forma final todas as peças que têm componentes, num trabalho maioritariamente feminino. Isabel está a construir três peças compondo círculos de bananas em que a designer madeirense Nini Andrade e Silva celebra o fruto da sua ilha. Já leva meio dia de trabalho, normalmente são 12 a 13 horas até dar por terminada cada peça – que tem um valor de venda de 450 euros. Nos últimos anos a Bordallo Pinheiro, empresa centenária portuguesa, reposicionou-se, apostou nos mercados externos e está à venda “em todo o lado que interessa, Harrod’s, Selfridges, Fortnum & Mason, Liberty”, enumera Nuno Barra, administrador da Vista Alegre Atlantis. Atualmente é o Reino Unido o principal mercado da marca que fechou as contas de 2022 nos 12 milhões de euros.

"Quem são vocês? Também têm couves?"

Há pouco mais de uma década, em 2009, temeu-se pelo futuro da Bordalo e de todo o património que isso representava. A fábrica de faianças levava 125 anos de vida e corria o risco de não celebrar mais nenhum aniversário. A Visabeira viu ali um "negócio curioso", cerâmica industrial com um lado artístico relevante, e juntou a icónica unidade das Caldas da Rainha ao seu pecúlio fabril desta área: a Vista Alegre, também acabada de comprar, e a Cerutil, uma empresa cerâmica vocacionada para loiça de forno e para a exportação.

"Pareceu-nos que aquela fábrica podia ser um bom negócio, pela marca em si e pelo seu fundador que tinha um historial grande e era pouco conhecido. Ainda hoje acho que não lhe é dado o reconhecimento devido". Nuno Barra, administrador da Visabeira, senta-se na sede lisboeta do grupo empresarial com génese em Viseu. Recorda que quando compraram a Bordallo Pinheiro, por €48,5 milhões, os funcionários já tinham salários em atraso.

Na altura foram identificados dois problemas claros. Por um lado, a marca e a sua ligação a Rafael Bordalo Pinheiro não era muito conhecida: "a fábrica desvalorizou os seus produtos durante muitos anos. Os comerciais tinham vergonha das próprias peças. Achavam que elas não podiam ser vendidas mais caras porque achavam que eram muito populares e que as pessoas não queriam aquilo". Por outro, a Bordallo Pinheiro foi vendendo as suas peças no mercado externo sem marca, ou com a marca dos clientes. **"Na primeira vez que fomos à feira de Paris, víamos stands cheios de peças da Bordallo, mas sem a marca**

Bordallo. A marca Bordallo na altura representava para aí 22% das vendas e praticamente só no mercado nacional. Aí a aposta foi claramente na marca. Percebemos que tínhamos aqui uma marca com um valor artístico, associada a um artista importante".

Deixaram de fazer peças para outras marcas, uma decisão difícil, porque eram bons clientes. Mas a aposta foi na marca própria, distinta e diferenciadora. Nuno Barra recorda o regresso às feiras, já com a marca de cabeça erguida: "Nas feiras seguintes já foi a Bordallo com o seu stand próprio à feira. E os clientes que iam aos outros distribuidores começaram a ir diretamente à Bordallo e diziam 'quem são vocês, vocês também têm couves?'".



As saladeiras couve a caminho da embalagem NUNO BOTELHO

Os moldes originais de Bordalo ainda inspiram

Tinham couves. E continuam a ter. No showroom da fábrica está uma, monumental, pendurada na parede. E peças mais contemporâneas, como o serviço das borboletas assinado pela supermodelo alemã Cláudia Schiffer, ou a série Punk, com elementos geométricos. "Começámos a desenvolver produto mais atual e a fazer uma gestão da gama mais adequada aos dias de hoje. E **começámos a desenvolver outras dentro do espírito Bordallo, respondendo a uma questão: se o Bordallo Pinheiro fosse vivo hoje o que é que ele faria?**". Para encontrar esta

resposta rodearam-se de alguns elementos da casa, como Elsa Rebelo, atual diretora criativa, funcionária da fábrica há muitos anos e ceramista. Também contrataram um designer. Desta reflexão, foram criadas linhas de produto de arte contemporânea e de coleção (por exemplo, as sardinhas), a par com a linha de mesa.

Nádia Rodrigues, a diretora da fábrica, leva-nos numa visita guiada por cada um dos momentos de produção das peças. **Tal como no tempo de Rafael Bordalo Pinheiro, a conformação das peças continua a ser feita com recurso a moldes de gesso.** A modelação das peças que se querem executar em série e a posterior execução de moldes, são momentos cruciais de todo o processo, hoje como há cem anos. No tempo de Bordalo, chegou a fazer-se moldes diretamente a partir dos elementos naturais, como por exemplo os peixes. Agora na secção de modelação Susana e Adelino trabalham em novos modelos da marca, interpretando desenhos e imagens dos herdeiros do legado bordaliano. Um trabalho minucioso e demorado. Não é para menos: dali sai a informação que vai gerar os moldes e a produção em série de milhões de peças.

Os originais usados por Rafael Bordalo Pinheiro estão guardados e continuam a servir de fonte de inspiração, aparentemente infinita: **“Há imensos moldes e estão catalogados. Todos os anos vamos ao acervo para tentar recuperar peças, porque há peças que nem sequer são conhecidas.** O problema é que o molde divide-se em vários moldes, alguns estão estragados, outros faltam. Para o ano vamos lançar uma peça do ano que não estava no acervo, mas que havia parte, e essa peça existe no Museu de Cerâmica e lá encontramos parte dessa peça”, diz

Nuno Barra sem adiantar de que se trata. "Gostamos da surpresa", brinca.

É este carácter aparentemente inesgotável do fundador que continua a jorrar na fábrica das Caldas. **"O bestiário bordaliano resiste ao tempo de uma forma surpreendente e muitos dos seus animais continuam a cativar pela sua modernidade"**, escreveu o investigador Pedro Moura Carvalho no livro *À Roda – Cerâmica de autor em Portugal no século XX* (Arnoldsche, 2021). Nascido em 1846, Bordalo Pinheiro foi um artista com trabalho em áreas que vão da ilustração à cerâmica. Foi em 1884 que fundou a fábrica de faianças com o seu nome nas Caldas da Rainha, beneficiando da matéria-prima existente no local, e da tradição cerâmica iniciada com Maria dos Cacos, de quem pouco se conhece, e que teve vários seguidores entre o ramo naturalista em voga na Europa, e que Bordalo prosseguiu. Além das peças que se conhecem, de mesa ou decorativas, Moura Carvalho frisa que **o artista "desafiou as leis da física, ao conceber e realizar, na última década do século XIX, peças de grandes dimensões**, como a Jarra Beethoven, com a altura original de cerca 225 cm, desde 1939 no Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro".



O acabamento das peças é uma das fases do trabalho NUNO BOTELHO

Não é a única. Na fábrica caldense repousa uma gigantesca vespa, que só de secagem pode levar um mês. É uma peça especial, que custa cinco mil euros. “Quando temos encomendas destas fazemos sempre duas, mas é rara a peça que sai mal”, diz Nádía Rodrigues.

O legado do fundador permanece, renova-se e parece ter margem para, também, se agigantar. “A Bordallo Pinheiro ainda tem muito para crescer, há mercados onde não entrámos ainda. **A limitação, a dificuldade no crescimento vai ser sobretudo pela própria capacidade de produção. Apesar de ser uma empresa industrial, o**

trabalho está dependente de algumas tarefas que são muito manuais. E o que é que acontece, quando começa a faltar mão-de-obra qualificada naquelas áreas, é que começa a ser muito difícil crescer”, diz o administrador.

Atrair jovens para o processo produtivo é uma das principais preocupações: “Os jovens preferem ir para os serviços, para a tecnologia. A indústria é algo ainda relativamente desconhecido que se associa a uma coisa rotineira. Para mim é uma surpresa os jovens ligados às belas-artes não terem mais interesse por aquele tipo de trabalho. O mercado não absorve toda a gente e, apesar de tudo, o trabalho não é rotineiro. Todos os anos há peças novas”.

Na moderna fábrica (inaugurada em 2015, após um investimento de mais de €9 milhões), prossegue o labor. Dá-se forma a tigelas couve, colocam-se as manchas da casca da melancia com uma esponja, colam-se as asas e os passarinhos de um jarro. É um puzzle caleidoscópico de gestos, formas e cores. Após a primeira cozedura – os enormes fornos com os espaços das prateleiras aproveitados ao máximo, aponta a diretora industrial, lembrando a importância da eficiência energética -, segue-se o controlo de qualidade, com experientes operárias a escutar o tilintar das peças “a ver se batem choco”. Depois da pintura, nova cozedura, até ao controlo de qualidade final e à embalagem, um busílis. “O principal motivo de quebra das nossas peças é o transporte”, explica Nádía Rodrigues. E também uma das grandes fatias de custos de produção.

Peça a peça, entram nas caixas, aninhadas entre papel (e empresa está a reduzir o recurso a plástico, também) e seguem por esse mundo fora.

Perto de 60% da produção da Bordallo Pinheiro é para exportação, com os pés bem assentes nas Caldas da Rainha: “se a Bordallo saísse dali e fosse para uma zona do país sem tradição cerâmica, seria muito difícil. Nós beneficiámos do facto de haver nas Caldas uma concentração de conhecimento, de geração em geração. Naturalmente o conhecimento vai passando. E isso é muito importante”, conclui Nuno Barra.

RELACIONADOS

Caldas da Rainha: renascer depois da crise da indústria cerâmica

Em Leiria, a mercearia do sr. Ferreira vende pandeiretas e acordeões, atum, azeite, vinho e cavaquinhos

Unidade Local de Saúde de Leiria será uma das maiores do país e aguarda aprovação dos Ministérios da Saúde e das Finanças

PRR injetou mais de 50 milhões de euros no distrito de Leiria



Tem dúvidas, sugestões ou críticas? Envie-me um e-mail:

malmeida@expresso.impresa.pt

PUBLICIDADE